

# Escritor, incômodo ao Poder

O ESTADO DE S. PAULO

13/6/1982

José Cardoso Pires é um dos poucos escritores portugueses contemporâneos que já foram apresentados ao público pela imprensa brasileira. Seu romance "O Delírio", publicado pela editora Civilização Brasileira (1971), provocou certa repercussão crítica no Brasil. No entanto, passado esse momento, sem o apoio de uma continuidade editorial, caiu no esquecimento e no fosso comum da ignorada literatura contemporânea portuguesa.

Autor de produção espaçada, que começou a publicar nos anos 40 e atualmente promete um novo romance, Cardoso Pires, como José Saramago, já escreveu conto, crônica, ensaio, teatro e romance. Embora se sinta autenticamente um ficcionista, o teatro o atrai, porque há certas idéias que só podem ser expressas por meio de uma peça. Cardoso Pires se detém, então, no seu último texto publicado, justamente a peça "Corpo Delito" (1980), para se explicar melhor. Quando resolveu conhecer por dentro um "país" que ignorava, ou seja, a Pide (Polícia Internacional de Defesa do Estado), logo após a Revolução de 25 de abril de 1974, solicitou ao Conselho de Revolução uma autorização para assistir aos interrogatórios dos agentes em julgamento. Sentiu, de imediato, tão logo iniciou essa observação, que seria necessário ir mais longe e penetrar nos complexos sado-masoquistas da tortura. Para o ficcionista, o aspecto individual, o comportamento psicológico nas relações entre torturador e torturado ofereciam ampla matéria-prima para a literatura. Mas a componente de teatro que existe em toda a investigação orientou-o para escrever uma peça e não um romance.

Já "O Renter dos Heróis", outra peça de Cardoso Pires, exigiu-lhe a expressão como dramaturgo, porque, ao trabalhar com a recuperação de uma heroína popular portuguesa, Maria da Fonte, sentiu a necessidade do teatro. Nesse tempo, com uma censura violenta, só era possível tomar um tema histórico e mostrar, por paralelismo, a situação em tudo semelhante à atual. E, como a peça recebeu, na sua montagem, subsídios da Fundação Gulbenkian, a censura se encolheu no primeiro momento. Mais tarde, com o êxito de público e a acorrida de estudantes

que catalizaram a peça para debate político, acabou por ser proibida. O texto sobre a Pide surgiu em outras circunstâncias. Escreveu uma parte na Espanha, na casa de sua agente literária Carmen Balcells, e a outra parte em Londres. Em 78 completou a peça e em 79 era apresentada em Lisboa. Ao contrário de "O Renter dos Heróis", "Corpo-Delito", no palco, não o satisfaz. Tinha imaginado um resultado muito diferente (Como experiência nova, havia planejado reunir três atores, um encenador, uma psicóloga e ele, o autor, em um hotel fora de Lisboa, incomunicáveis, para discutir durante três dias o pré-texto. A presença da psicóloga tinha a intenção de estimular as situações de conflito. Af, uma vez lido e debatido, o texto original seria reescrito com as contribuições coletivas. Mas a experiência não deu certo, foi impraticável reunir o grupo — "coisa que nunca se consegue, infelizmente" — e Cardoso Pires foi para Londres, onde acabou a peça sozinho.)

Com essa queixa, não pretende o dramaturgo que o encenador não dê sua interpretação à montagem. Só que há determinados traços, aqueles que são essenciais para o autor, que não podem ser eliminados. Cardoso Pires admite acréscimos, não empobrecimentos. Como, por exemplo, esvaziar a peça de um dado muito importante — a alienação da função tempo, que caracteriza a ação na própria realidade da polícia. Assim, há cenas que se repetem, justamente para marcar essa alienação, e a repetição não foi respeitada. José Cardoso Pires, embora não reclame a si o pleno conhecimento da carpintaria teatral, sabe, porém, que a estética atual ("à exceção de um Helder Costa") está cheia de modismos, neo-barroquismos, heranças gestualistas — o chamado teatro corporal. Então os diretores muitas vezes não respeitam uma indicação do dramaturgo em detrimento desses modismos que são aplicados ao texto. Então, o que importa é que o resultado da encenação de "Corpo-Delito" fez com que, no terceiro dia de apresentações, a sala ficasse vazia.

Durante um ano o autor não quis nem ler as críticas. Atualmente, um encenador espanhol, Ricard Salvat, prepara, em Bar-

celona, uma montagem para ser apresentada no Festival de Teatro de Sitges. Por que Cardoso Pires insiste nesta peça, apesar da frustração inicial? "Não tenho pelo teatro aquela estima que tenho pela ficção. Nunca vi nem mesmo um ensaio de montagens inspiradas em um texto meu. Mas o que sei é que determinados temas só podem ser expressos no teatro. O sub-mundo da Pide, a capacidade teatral dos seus agentes me impressionaram de tal forma que os vi muito perto de um palco." Cardoso Pires, que se diz um apaixonado pelo cinema e por textos televisivos, custa para ir ao teatro — "não sou o animal de teatro". Mas se reserva o direito de escrever peças que, por sua vez, têm de ser reescritas no palco ou pelos atores (como no caso de "O Renter dos Heróis", com atores muito bons) ou pelo encenador. Depois, se gosta ou não da montagem, aí é outra questão.

"Nunca escrevi um poema na minha vida. E ensaio, só mesmo contra a censura." Cardoso Pires confessa outro vício, o do jornalismo. Quer vê-lo sentir-se bem à vontade é desenvolvendo uma reportagem como a que realizou no Vietnã e que sua agente, Carmen Balcells, divulgou em vários países. Desde 1976, quando saiu do Diário de Notícias, vive de direitos autorais. Portanto, um dos escritores profissionalizados em Portugal. Na verdade, sempre quis contar histórias, através de um conto ou de um romance. Mas não tem pressa. Há 13 anos que não publica romance e agora está nos últimos retoques do próximo (os amigos brincam em Portugal: ele sempre diz isso...). Cardoso Pires se defende: ao escrever um romance, faz várias versões. O atual livro já está na segunda versão, parece que a definitiva. Parte de um fato real — um crime político de 1960. Não tem o título, mas o subtítulo: "Dissertação sobre um Crime". O herói do romance é um policial que investiga o crime. Tenta desenvolver esse personagem naquilo que ele é como pessoa. "Nunca o autor deve zangar-se com seus personagens nem nunca pensar que quem tem a caneta lavra a sentença." Ao tratar de temas políticos ou acontecimentos históricos, procura superar o que já se convencionou chamar de romance datado. Não quer ser nenhum Truman Capote. Por isso, argumenta, leva muito tempo para concluir um livro.

José Cardoso Pires não mitifica a criação da criação artística. "Estilo bom é aquele que nem se nota. A qualidade não significa tempo de execução. Acho até que na elaboração, no rebuscamento, se perde a espontaneidade." No fundo, o problema é que a questão de tempo depende exclusivamente do temperamento de cada escritor. "Eu, por exemplo, só sei pensar com a ponta do aparo. Mas cada um é como é." Já fez até tentativas de ditar ao gravador e não deu certo: "A voz pensada é mais bonita que a voz gravada; e quando se escreve, surge uma terceira voz". Cardoso Pires acha que quem escreve coloquialmente pensa assim. Seu conceito mais profundo é que quem escreve mal, pensa mal, não tem ouvido interior e, nesse sentido, cada pessoa tem dentro de si uma silabação. Voltando à questão do ritmo (Cardoso Pires se angustia com o que alguns apontam como simples preguiça de escrever), insiste: "Não considero virtude o fato de demorar para escrever. De certo, esse é o infeliz do escritor". Entramos em plena sondagem na criação: "Os atos de criar vivem do sortilégio. Como os grandes atos de amor. Não é por se preparar que eles acontecem. Escrever é sempre um ato de surpresa".

José Cardoso Pires, que já se alinhou a uma escrita mais coloquial e que já valorizou, nesta entrevista, a espontaneidade em confronto com um texto sobrecarregado, como explica então a tendência muito frequente na prosa portuguesa contemporânea para certo barroquismo? O autor de "O Delfim" indica o atrelamento à cultura francesa como uma das principais razões. (No seu caso, está livre dessa dominante influência porque sempre foi discípulo da cultura anglo-saxônica e estudou matemática). O outro grande peso que paira sobre a prosa é a influência poética. Especialmente as gerações mais jovens vivem sob o signo das metáforas. Cardoso Pires faz agora uma crítica muito pessoal à língua portuguesa: "As pessoas pensam que o português é uma língua rica. Não, o português é uma língua pobre: tem palavras a mais". E ele sabe disso, porque trabalhou muito tempo como publicitário ("essa foi minha melhor escola") e aprendeu para sua bagagem de escritor que é muito importante cortar o supérfluo da língua. "Quando se precisa escrever com tantas letras, tantas palavras em um espaço justo, e ainda por cima essas palavras estão ligadas a imagens em determinado anúncio com determinada mensagem, somos então obrigados a aperfeiçoar a língua." Cardoso Pires descobriu, nessa experiência, o peso de cada palavra e a perfeita conjugação das que se selecionam numa frase, para que a língua deixe de ser abstrata e se torne concreta. Até mesmo o conceito econômico é importante no aprendizado: "Habituo-nos a que uma palavra é coisa muito cara".

O romancista, como os demais de sua

geração, surgiu em plena era do neo-realismo, mas como publicava pouco, logo se enquadrou numa espécie de dissidência. Não respondia aos apelos da missão neo-realista. De qualquer maneira, Cardoso Pires engrossa as fileiras dos que vêm hoje o neo-realismo ortodoxo como um movimento literário maniqueísta e que, na prática portuguesa, resultou em artistas muito personalizados. Também não é daqueles que fazem certa demagogia com a criatividade que teria explodido, em Portugal, depois da Revolução dos Cravos. "Em termos romanesco, é preciso amadurecer. É falso pensar que depois do 25 de abril saíram bons romances aos borbotões. Na fase de excitação política não havia condições para dimensionar o peso interior da reflexão e da expressão. Faltam etapas para a maturação desse período. Ainda não há contraste histórico."

De qualquer maneira, José Cardoso Pires advoga ao escritor um mesmo papel em todas as sociedades, independentemente do período mais agudo de ditadura ou não em que viva. "O escritor é o animal ingrato, incômodo. Deixa de ser artista quando satisfeito. Pelo contrário, é uma testemunha exigente, muito incômoda para o Poder. Se presente numa sociedade democrática, é o dinamizador das contradições e da consciência. Não vive numa concessão de ideal, sua força é relativa, diria até que muito pequena. Está cada vez mais, nas sociedades evoluídas, subjugado à comunicação massiva, à televisão, uma máquina infernal, a grande máquina do Poder hoje em dia." (Para Cardoso Pires, que é apaixonado pelo cinema e pela linguagem de televisão, o problema não é justamente a programação criada para a televisão, mas o conceito que o Poder tem das massas. "Cria-se uma mitologia de público, inventa-se o público que convém para impingir a programação pretensamente exigida por essas massas.")

A propósito, entramos nas telenovelas brasileiras. Seriam muito salutares, para Cardoso Pires, porque tecnicamente muito boas e, em alguns aspectos, teriam utilidade para comparar padrões de qualidade de interpretação dos atores. No entanto, trazem acoplado a essa qualidade técnica um poder aliciante — "o conceito de classe muito norte-americano. As classes sociais se entendem sempre por meio dos valores morais. O belo mundo carioca caracteriza uma classe: eu, animal viciado na burguesia, não me meto nas favelas. Depois, os bons ricos encontram os bons pobres e tal como no romance cor-de-rosa norte-americano todos se acertam com um grande elixir — os sentimentos. Não há muita diferença dos conflitos maniqueístas bons-maus da série Dallas". Também não adianta uma atitude crítica, típica da esquerda intelectual, a de um certo esnobismo confesso: é frequente um ataque frontal, sem nem mesmo reconhecer o que tem de bom (a qualidade técnica, sobretudo da representação e, por trás, esses

mesmos críticos mal-humorados acompanhavam os capítulos da novela.

Estará então a telenovela brasileira interferindo na cultura portuguesa? José Cardoso Pires identifica certa interferência no gosto do público, mas isso na medida em que a televisão é uma força imperiosa em toda a sociedade sem grande poder de consumo (que não compra jornal, não vai ao cinema etc). Vê-se, por exemplo, que a publicidade portuguesa já se vale do dialeto brasileiro. Sensato, o escritor não condena esses fatos em si, mas procura entrar um pouco mais sutilmente na questão: "O que pode estar sendo negativo é a formação de uma nova imagem de Brasil em Portugal. Hoje, ninguém mais vê o brasileiro à maneira de Camilo Castelo Branco, com aquela afetividade permissiva. Dada a penetração inflacionária no veículo mais odiado da camada culta, o Brasil corre o risco de ser associado a esse ódio. E veja que isso não acontece com a Música Popular Brasileira. Esta, sim, só contribui para que se admire mais e mais o Brasil. Não entrou pela via corrompida da televisão, mas penetrou diretamente em todas as camadas".

E a literatura brasileira? "Sem falar nos escritores que tiveram muito peso na geração de Carlos de Oliveira ou de Fernando Namora — um Graciliano Ramos, um José Lins do Rego —, o fato é que a literatura brasileira está muito mais presente em Portugal que o inverso. Trata-se de um fenômeno único, resultado, a meu ver, de uma política paternalista de 50 anos. O governo português passou a vida a mentir do ponto de vista cultural. Falaram de acordos que jamais se concretizaram ou jamais foram respeitados. Cito, por exemplo, o famoso acordo leonino, o ortográfico, ditado pelo pai velho e caquético. É lógico, o Brasil nunca o respeitou. Sofremos de uma política cultural burocrática e fechada. Quanto ao dinheiro, isso já sabemos, nenhum dos dois países tem recursos para estimular o intercâmbio. Qual a saída? Olhe, só uma — deixar o livro em paz, sem acordos. Ou então subsidiar relações comerciais. Simplesmente. Como a telenovela entrou? Por uma questão de mercado. O livro tem de seguir o mesmo caminho. Afinal, é ou não é também um produto comercializável?"